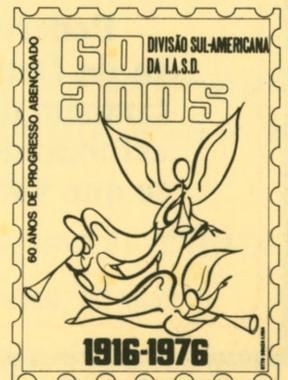
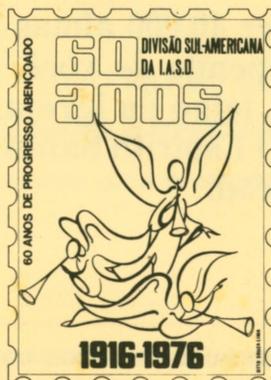
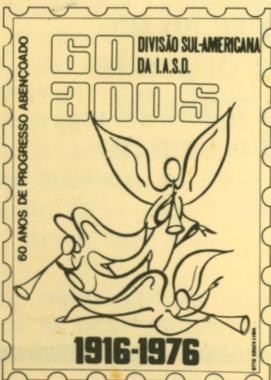
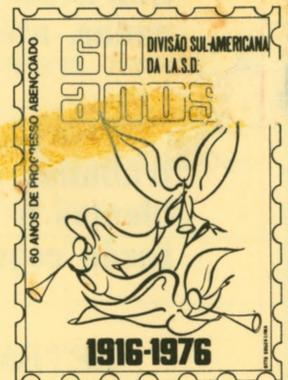
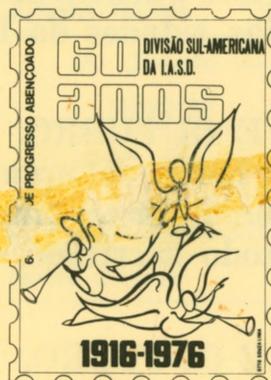
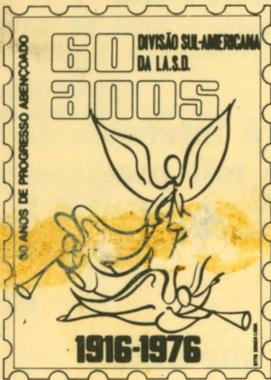
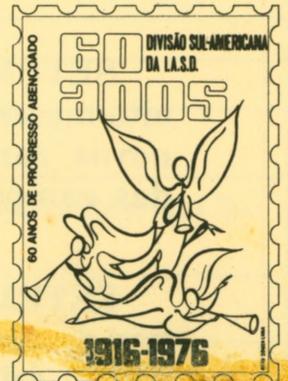
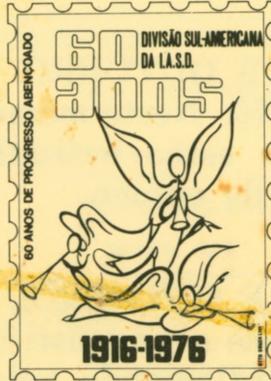
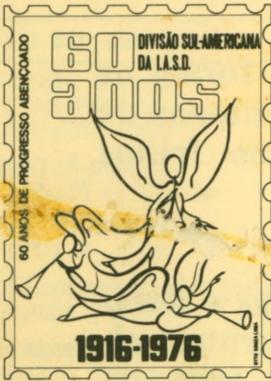


O MINISTÉRIO  
ADVENTISTA



# **anúncio:**

## **setembro/outubro-76**

**SETEMBRO E OUTUBRO.** Já se foram os oito meses de 1976. Neste momento centenas de novos conversos estão batizados como frutos das campanhas de outono.

**SETEMBRO E OUTUBRO.** Dezenas e dezenas de campanhas evangelísticas de grande alcance, estarão inflamando toda a América do Sul, desde as regiões quentes das selvas do Amazonas, até às frias cidades da Patagônia.

**SETEMBRO E OUTUBRO.** Haverá intenso trabalho, largas horas de pregação e mil problemas a resolver, mas, no final, os frutos nos farão esquecer todo sacrifício.

**SETEMBRO E OUTUBRO.** Meses que antecipam uma gloriosa colheita de almas.

Poderemos ver 40.000 almas unirem-se ao povo de Deus? Depende de você, Pastor; depende também de você, leigo da igreja. Ore e trabalhe, esforçando-se. O Espírito Santo regará a semente que você semeou.



Ano 4 Set.-Out. 1976 N.º 5

**GERENTE GERAL**  
BERNARDO E.  
SCHUENEMANN

**REDATOR-CHEFE**  
CARLOS A. TREZZA

**REDATOR-RESPONSÁVEL**  
OTTO S. JOAS

**COLABORADOR ESPECIAL**  
RUBÉN PEREYRA

**COLABORADORES**  
ENOCH DE OLIVEIRA,  
JOSÉ C. BESSA,  
ROLF BELZ

**DEPTO. DE ARTE**  
HENRIQUE C. KAERCHER

**DIAGRAMAÇÃO**  
FRANCISCO MARQUES  
ERLO KÖHLER

**Assinatura Anual**  
Cr\$ 48,00  
US\$ 6,00

**Número Avulso**  
Cr\$ 8,00  
US\$ 1,00

---

### De Coração a Coração

---

Que Devemos Pedir? 4

---

### Evangelismo

---

Dimensões Evangélicas do Programa Se-  
manal MV 6

---

### O Pastor

---

Conjuro-te que Pregues a Palavra 8

---

### Artigos Gerais

---

A Criação — Uma Semana Repleta de  
- Milagres 12

---

Seita ou Igreja: O Adventismo Poderá Con-  
servar Sua Imagem de Distinção? 16

---

**Notas Breves** 24

---

### O MINISTÉRIO ADVENTISTA

— Publicado bimestralmen-  
te pela ASSOCIAÇÃO MI-  
NISTERIAL DA IGREJA  
ADVENTISTA DO 7.º DIA —  
Editado pela Casa Publica-  
dora Brasileira, Av. Pereira  
Barreto, 42 — 09000 - Santo  
André, São Paulo.

Esta revista acha-se regis-  
trada na DCDP do DPF sob  
n.º 899 — P. 209/73

**TODO ARTIGO** ou qualquer correspondência para  
a revista o **MINISTÉRIO ADVENTISTA**, devem ser en-  
viados para o seguinte endereço:

**O MINISTÉRIO ADVENTISTA**

**Caixa Postal, 07-1042**

**70000 - BRASÍLIA — DF.**

# «Que Devemos Pedir?»

RUBÉN PEREYRA

Os pentecostais crêem que o batismo do Espírito Santo é uma experiência distinta e posterior à conversão, sendo por eles definido como o "segundo encontro", "a segunda bênção".

A realidade dessa nova experiência deve ser, segundo eles, evidenciada mediante o costume de falar línguas estranhas. Portanto, quem entre eles não estiver à altura de falar estas línguas, não poderá ter certeza de haver sido batizado com o Espírito Santo.

É indescritível a angústia de alguns bons e sinceros membros dessas igrejas, que crêem haver sido convertidos, mas que por uma ou outra razão, não têm nunca falado "línguas estranhas", embora com desespero busquem o "dom". Há até mesmo os que, em sua angústia, têm chegado a simular a experiência em seu afã por obter a paz de espírito e a certeza da aprovação divina.

Temos buscado, com insistência, a plenitude do Espírito Santo. Temos realizado e realizamos reuniões especiais de vigília com o objetivo de buscar a plenitude do Espírito, mas pouco ouvimos de resultados satisfatórios dessa busca, pelo menos na forma em que se pretende encontrá-la. Temos visto algumas dessas reuniões terminarem com uma experiência renovada, mas sem que haja experimentado, em sua plenitude, o que se buscava. Ouvimos falar, às vezes, dos chuviscos do Espírito Santo" ou "gotas do Espírito Santo", mas não ouvimos experiências vibrantes de chuvas do Espírito em sua plenitude.

A que se deve esta situação? Será que estamos buscando o que se deve buscar? Talvez as árvores estejam nos impedindo ver o bosquel. Que devemos buscar?

Talvez estejamos esperando línguas de fo-

go ou um terremoto como o que acompanhou o derramamento do Espírito Santo no Pentecostes. É provável que estejamos buscando alguma experiência emotiva, dramática, sendo que na ausência dessa experiência venhamos a crer não ter recebido o batismo do Espírito Santo.

Com o propósito de entender tão preciosa verdade, enumeramos e analisamos brevemente o ABC do que a Bíblia e o Espírito de Profecia nos apresentam:

1) Há na Bíblia manifestações dramáticas da presença ou intervenção de Deus. Mas há também muitíssimas manifestações nas quais Deus Se manifestou na forma mansa e tranqüila. Embora haja um Monte Carmelo e um Sinai, há centenas que dizem: "o Senhor me falou", ou "vindo a mim a palavra de Jeová". Depois da dramática manifestação de Deus no Carmelo vem a experiência de Elias em Horebe, na qual se diz que Jeová não estava no grande e forte vento que despedaçava as penhas, nem no terremoto, nem no fogo, mas, sim, na voz suave e mansa. (I Reis 19:11-13.)

É dito que em tempos do Êxodo Jeová havia descido em fogo no mesmo monte, enquanto o fumo subia como o fumo de uma fornalha, e todo o monte tremia grandemente. (Êxo. 19:18.) Moisés pôde estar escondido na mesma caverna em que outrora esteve Elias. (Êxo. 33:21-23.) — SDA Bible Commentary, vol. 2, p. 824.

2) Sobre a recepção do Espírito Santo não há, no registro bíblico, duas experiências exatamente iguais. As línguas de fogo de Atos 2, não aparecem em Atos 8, 10 e 19. São outros casos em que há registro de uma recepção do Espírito Santo. Não é mencionado que os samaritanos (Atos 8) tenham falado línguas. A imposição de mãos é mencionada em Atos 8 e 19, mas não consta nos capítulos 2 e 10. Assim como cada caso de conversão é diferente, também a mesma coisa ocorre com a forma em que o Espírito Santo trabalha. Não há na Bíblia uma experiência padrão, na qual devam estar baseadas todas as outras.

3) A plenitude do Espírito Santo deverá ser precedida da chuva temporã do Espírito, que é a conversão. Nisto se aplica muito claramente a declaração de Jesus: "O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito" (S. João 3:8). A obra do Espírito é tão indefinível como a do vento. A pergunta de Nicodemos: "como pode um homem nascer?" teve como resposta, não uma definição, senão outra pergunta: "Tu és mestre em Israel, e não compreendes estas coisas?" Não há nos versículos seguintes nenhum esclarecimento. A obra do Espírito é sentida por nós e não se pode defini-la.

Podéríamos dizer: "É imprescindível a conversão para poder receber o Espírito Santo". Mas não seria a conversão a obra do Espírito Santo? Não é o Espírito Santo que nos leva à verdade, que nos convence de pecado e produz o novo nascimento? Portanto,

Rubén Pereyra,  
Diretor da  
Associação  
Ministerial da  
Divisão  
Sul-Americana

o Espírito Santo está antes, durante e depois da conversão. Ele se esforça pelo homem quando ainda em pecado. Ensina-lhe a verdade, impressiona o seu coração com a necessidade do arrependimento e o leva a sentir-se arrependido. Leva-o, afinal, a abandonar o erro, operando nele um novo nascimento, e, pela aplicação da verdadeira justiça, guia-o através do processo da santificação.

Ora, este processo é indispensável para que haja a plenitude do Espírito, o derramamento da chuva serôdia. Sem ele não haverá plenitude.

Que devemos então buscar? Não é o vento grande e forte, nem o terremoto, nem as línguas de fogo.

A chuva temporã é a que prepara a igreja para a chuva serôdia. É exatamente isto que o Espírito de Profecia diz com insistência: "Foi-me mostrado o povo de Deus esperando que se operasse alguma mudança — que uma força compulsória se apoderasse deles. Mas serão decepcionados, pois se acham em erro. Eles precisam agir, empreender a obra eles próprios, e clamar fervorosamente a Deus em busca do real conhecimento de si mesmos". — Serviço Cristão, p. 43.

"Por outro lado, há alguns que em vez de aproveitar sabiamente as oportunidades presentes, estão indolentemente esperando por alguma ocasião especial de refrigério espiritual, pelo qual suas habilidades para iluminar outros sejam grandemente aumentadas. Eles negligenciam os deveres e privilégios do presente e deixam que sua luz se apague, enquanto esperam um tempo em que, sem nenhum esforço de sua parte, sejam feitos os recipientes de bênçãos especiais, pelas quais sejam transformados e tornados aptos para o serviço". — Atos dos Apóstolos, p. 54.

"O Espírito Santo não poderá nunca ser derramado enquanto os membros da igreja nutrirem desarmonia e amargura uns contra os outros. Inveja, ciúmes, ruins suspeitas e maledicências, são coisas de Satanás, e barram eficazmente o caminho à operação do Espírito Santo". — Testemunhos Seletos, vol. 2, p. 381.

No capítulo "Princípios Vitais" de Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos, há uma parte intitulada, "Orai Pela Chuva Serôdia", cuja leitura recomendamos. Fala ali da chuva temporã, mas não aplicada ao Pentecostes, e, sim, à obra do Espírito Santo na conversão. Diz a autora:

"Muitos têm em grande medida deixado de receber a chuva temporã. Não têm obtido todos os benefícios que Deus assim para eles tem provido. Esperam que as falhas sejam supridas pela chuva serôdia. Quando a maior abundância da graça estiver para ser outorgada, esperam poder abrir o coração para recebê-la. Estão cometendo um erro terrível. . . . Deve o coração ser esvaziado de toda a mancha, purificado para habitação do Espírito". — Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos, p. 507.

Que devemos, portanto, pedir? Devemos pedir primeiramente a chuva temporã, que produz uma conversão cabal e genuína. Quando isto se tornar uma realidade, a plenitude virá. Será, entretanto, inútil, pedir esta plenitude se não temos nascido do Espírito. O batismo do Espírito é a conversão, é também o novo nascimento. É deixar de viver conforme a carne para viver no Espírito; é, enfim, deixar de ter os frutos da carne para ter os frutos do Espírito.

Seja nossa oração: "Senhor, envia línguas de fogo, terremoto e fogo se forem necessários, mas, antes, envia-nos o som de uma voz suave e mansa, para que nossa vida seja transformada. ■





## *Dimensões Evangelísticas do Programa Semanal MV*

Era sábado de tarde e naquela igreja de bairro de cidade grande o programa semanal MV se desenvolvia. A parte central era uma representação vivida por rapazes e moças, os quais, a julgar pela espontaneidade das palavras e pela simplicidade precisa dos gestos, demonstravam ter vivido intensa fase de preparo porque, para reafirmar o que vi e senti, tudo tinha sabor natural.

Representavam a situação de alguns jovens adventistas, estudantes em escolas públicas, em sua confrontação com professores, diretor e reitor, para dizer-lhes de sua posição de consciência sobre o sábado e a impossibilidade de naquele dia, por eles considerado "santo", assistirem às aulas ou prestarem quaisquer exames. Na seqüência representativa,

aqueles de quem dependiam nossos jovens, racionalizavam suas posições negando toda e qualquer concessão que os viesse favorecer. Ao aproximar-se o clímax do programa, aparece no canto direito da plataforma um grupo de nossos moços e moças em causa, e ouvia-se um deles falar em tom coloquial aos demais: "É isso aí; eles não abrem mão para atender nosso pedido porque não podem transigir e não querem desrespeitar os regulamentos da Escola, e nós, vamos querer transigir, violentando nossa consciência e passando por cima de uma ordem de Deus? De minha parte, é questão fechada — perco o ano mas não violento o sábado. Deus saberá o que é melhor para mim". Os outros do grupo, a seu modo, com gestos e com palavras, identificam-se

todos com a posição do moço que havia falado.

De forma calculada dividi minha atenção entre os que faziam o programa e os assistentes. Queria saber, por observar a reação dos presentes, se eles se estavam identificando com o que se passava na plataforma. Sem forçar conclusões, descobri que expressiva maioria dos que assistiam àquele programa, passava durante aqueles minutos pelo processo de identificação. Estavam vendo os seus problemas reais sendo colocados e tratados de forma nobre e séria num Encontro MV.

Não foi *por acaso* que, no temário semestral, aquela "representação" constava na lista de "programas com prioridade". A questão do sábado era ponto nevrálgico para vários membros daquela sociedade.

Seus diretores estavam sensíveis ao problema. Dimensionaram-no e decidiram enfrentá-lo, começando por lembrar a cada jovem que a fidelidade a Deus vem primeiro, e as outras e muitas coisas devem ajustar-se a esse princípio.

Apela-se com este artigo aos companheiros distritais, no sentido de que estimulem a realização de encontros sérios de planejamento, ocasião em que a Diretoria MV, reunida com a presença do Pastor ou do ancião conselheiro, elabore programas que avivem em seu temário as dimensões evangelísticas próprias e necessárias à manutenção de nossos jovens e à conquista de outros tantos que, estando fora de nossas portas, por elas entrariam, se o fizessem para assistir a um programa que nutrisse sua alma.

A Diretoria MV daquela igreja, procedendo da maneira como o fez, atendia a um dos postulados dos Missionários Voluntários: — "Conservar em mente as necessidades do grupo e não 'exibir' um programa sem objetivo definido. A reunião MV deve preparar para uma vida consagrada e ocupada".

Os segmentos que tornam reais as dimensões evangelísticas de um bom programa semanal MV são vários, destacando-se entre os muitos: (a) integração da juventude — o que corresponde à permanência dela na igreja; (b) oportunidade de tornar efetiva a visita de colegas de faculdade, da escola, da oficina, do escritório — há sempre entusiasmo em

---

J. M. VIANA

---

convidar amigos quando se tem a certeza de que o programa satisfará; (c) ocasião de reaver os jovens que desertaram, desanimados pela carência ou ausência de atividades que lhes animassem o espírito.

O Departamento MV da igreja tomou 1976 como ano de destaque para o Programa Semanal MV. Assim procedeu por duas razões: a) o reconhecimento de que urge revitalizá-lo e b) a crença em sua extraordinária eficácia em fortalecer a experiência religiosa de nossos jovens. Como parte da promoção, as fontes de material para as reuniões tornaram-se mais volumosas e mais acessíveis financeiramente ("Diretrizes" se renovou e vem acompanhada de suplemento) e maior número de temas de capitação chega às mãos de nossos líderes.

Na linguagem MV dizemos que um "Programa de Qualidade" é aquele que se orienta pelas coordenadas e pelos balizamentos de quatro estágios: Preparo — Promoção — Apresentação — Avaliação. Seguem alguns deles:

— O Programa é uma tarefa de Comissão.

— Descobrir a habilidade e os talentos que há no grupo e usá-los.

— Liberar com antecedência a matéria para os programas àqueles que terão a responsabilidade de prepará-los.

— Começar o programa rumo a um alvo.

— Variar as idéias e os métodos. Não estabelecer um ritual invariável.

— Usar alguma forma de participação do auditório, tão amiúde quanto possível — além da oferta!!!

— Dar cuidadosa atenção ao ambiente em que se desenvolve o programa.

— Promover, com recursos renovados, todas as reuniões. "Aquilo que não se dá a conhecer é como se não existisse".

— Começar a tempo e terminar a reunião num ponto alto.

— A avaliação é indispensável para o progresso.

— Não alimentar ilusões que impeçam o progresso. Notar a reação do auditório. Isso será conseguido por alguns métodos de consultas impessoais: folhas de avaliação, caixas de sugestões e perguntas. ■

(J. M. Viana,  
Depto. MV e  
Temperança da  
Divisão  
Sul-Americana)



## *«Conjuro-te... que Pregues a Palavra»*

---

**“Conjuro-te pois diante de Deus, e do Senhor Jesus Cristo, que há de julgar os vivos e os mortos, na Sua vinda e no Seu reino, que PREGUES A PALAVRA, instes a tempo e fora de tempo, redarguas, repreendas, exortes, com toda a longanimidade e doutrina”. II Tim. 4:1, 2.**

---

A Bíblia é a insubstituível fonte da pregação cristã. Cada sermão pregado em nossos púlpitos deve ter base bíblica. Se alguém deseja ouvir algo que não seja a Palavra de Deus, deve ir a um lugar que não seja a Igreja Adventista, porque a razão da existência de nossos púlpitos é a pregação da mensagem da Bíblia.

“O dever do ministro de Cristo torna-se claro nestas diretas e enfáticas palavras. (II Tim. 4:1, 2) Ele é instado a ‘pregar a Palavra’ não as opiniões e tradições dos homens, não contar anedotas e histórias sensacionais para despertar fantasias imaginativas ou excitar as emoções”.<sup>1</sup>

“Não deve haver leviandade, nenhuma frivolidade, nenhuma fantasiosa interpretação, mas em sinceridade e profundo fervor o ministro deve ser a Voz de Deus expondo as Santas Escrituras”.<sup>2</sup>

“Há certos homens que se levantam nos púlpitos como pastores, professando alimentar o rebanho, enquanto as ovelhas estão famintas anelando pelo Pão da Vida. Longos discursos cujo material é baseado em anedotas são pregados, mas o coração dos ouvintes não é tocado. O sentimentalismo de alguns pode ser movido, pode até produzir algumas lágrimas, mas o coração não é quebrado. O Senhor Jesus tem estado presente enquanto eles estão apresentando o que pensam ser um sermão, mas suas palavras são destituídas de orvalho e da chuva do Céu”.<sup>3</sup>

“O Senhor Deus do Céu não pode aprovar muito do que é trazido para o púlpito por aqueles que professam estar pregando a Palavra de Deus. Eles não conduzem idéias que serão uma bênção para aqueles que ouvem. Barato, muito barato alimento, está sendo colocado diante do povo”.<sup>4</sup>

Tem-se dito muito para os obreiros que os sermões devem ser pregados com moderna apresentação. “O mundo tem mudado muito e devemos adaptar a mensagem”, é o que se tem ouvido em quase todos os concílios ministeriais. Mas eu perguntaria: Será que sabemos realmente o que queremos com essa espécie de observação? Não estaremos nós nos encantando com a miragem da popularidade na qual a maioria das Igrejas Evangélicas tradicionais têm-se afo-

---

JOEL SARLI

---

Joel Sarli,  
Professor de  
Teologia do  
IAE, cursando  
Estudos na  
Andrews  
University

gado?

Mas a realidade é que os ministros em geral são freqüentemente tentados a prejudicar o conteúdo bíblico da pregação a fim de pôr em relevo os eventos correntes, os temas patrióticos e as informações da psicologia.

Quando um pregador segue o esquema mencionado acima, traz um tremendo prejuízo para a Igreja. Ele perde a inspiração da Verdade e a completa cooperação do Espírito Santo.

Uma vez que a Bíblia é a única fonte de revelação e comunicação de Deus e de Sua Verdade para o homem, e é a mais alta fonte de luz e poder, não há razão para um legítimo Pastor desviar-se da Bíblia em suas pregações.

O propósito da ORDENAÇÃO MINISTERIAL é separar homens para a pregação da Palavra de Deus, e os púlpitos Adventistas são dedicados à pregação da Bíblia.

O pregador, em certo sentido, ocupa uma parte da missão do profeta, declarando a mensagem de Deus para os homens. Quando os profetas estavam ainda vivos, recebiam, eles mesmos, a mensagem, e a declaravam ao povo. Mas uma vez que os santos profetas deixaram de existir, hoje, os pregadores devem proclamar a mensagem de Deus que eles receberam. Esse é o dever e a missão do pregador.

Quando o povo vem à Igreja espera, realmente, ouvir a Bíblia interpretada e aplicada à vida.

O mundo nunca necessitou tanto da pregação da Bíblia como hoje. Num tempo quando os planos dos homens têm-se demonstrado completamente impotentes para solver os problemas, há uma intensa expectativa em torno das coisas de Deus. E nós devemos pregar a Palavra com um novo fervor, com uma nova dedicação e fé.

#### A Questão da Autoridade do Sermão

Autoridade bíblica é o conceito chave na estrutura da legítima pregação.

Pregação autêntica e com autoridade deve ser compreendida como uma extensão da revelação de Deus.

“Sendo que a Bíblia é o único autêntico documento do autorizado conteúdo da revelação de Deus, o dever do pregador é usar corretamente esse precioso livro na pregação e comunicação da mensagem.

“Na proporção da convicção de que a Bíblia é veraz e autêntica, na proporção em que o pregador ouve a voz do Espírito Santo enquanto está empenhado no preparo da mensagem, na proporção em que o próprio Deus é revelado na estrutura do sermão e na proporção da ação do Espírito Santo sobre o pregador ao comunicar a mensagem, repousa o grau de autoridade da pregação”.<sup>5</sup>

Os estudantes dos sermões que têm sido publicados, estabeleceram quatro níveis de autoridade bíblica para os sermões.

### 1. Sermão Bíblico Direto

Esse tipo usa a Escritura no sermão com o mesmo significado natural, gramatical e histórico encontrado no texto bíblico. O Sermão Bíblico Direto diz a mesma coisa que a Bíblia diz.

Um sermão pregado sobre I Coríntios 13, sobre a “Superioridade do Amor”, extraíndo suas principais idéias da passagem, corretamente interpretadas, será um Sermão Bíblico Direto.

a) O Sermão Bíblico Direto pode ser construído sobre uma *ordem* ou um *imperativo* encontrados no texto da Bíblia. “Orar sem Cessar” ou “Sede bondosos uns para com os outros”, são exemplos de Sermões Bíblicos Diretos construídos sobre uma ordem ou um imperativo.

b) O Sermão Bíblico Direto pode ser também construído sobre uma afirmação ou declaração da Bíblia. O sermão construído sobre a afirmação “O justo viverá pela fé” é um Sermão Bíblico Direto.

c) O Sermão Bíblico Direto pode ser construído sobre as negativas da Bíblia. “Não dirás falso testemunho” é apresentado como um bom exemplo.

Poderíamos multiplicar os exemplos, mas a sùmula é que a mensagem da Bíblia deve ser passada ao ouvinte durante o sermão. O pregador estará falando aquilo que o autor da

Bíblia quis falar a sua congregação.

Esse tipo de sermão ainda é o que mais alimenta o rebanho, e satisfaz as necessidades dos ouvintes. Esse é o sermão que mais autoridade possui.

### 2. Sermão Bíblico Indireto

O uso da verdade bíblica nesse sermão é feito de maneira indireta.

O sermão pode ter como ponto de partida uma idéia do texto bíblico. O pregador adiciona, suplementa, expande ou reduz, compara ou contrasta a idéia bíblica.

Pregando um tal tipo de sermão o pregador deve estar seguro de que sua liberdade nunca esteja violando o significado do texto.

Em questão de autoridade esse segundo tipo de sermão é inferior, tendo menos autoridade do que o Sermão Bíblico Direto.

a) Por exemplo, tomemos o verso de S. Mateus 5:14. Aí encontramos a afirmação de Jesus, “Vós sois o sal da terra”. Certas implicações são óbvias. O pregador ao construir o seu sermão completa a verdade indicada por Cristo. Ele vai além do anunciado do texto.

Embora esse seja um bom tipo de sermão não terá a autoridade completa das afirmações bíblicas, mas será um artifício da capacidade imaginativa do pregador.

b) Um segundo exemplo podemos encontrar na passagem de Salmo 92:12.

O pregador toma a expressão “o justo crescerá como a palmeira” e sobre essa figura construirá seu sermão, tirando uma série de lições que a palmeira oferece à vida cristã. Nesse caso o pregador poderá comparar e contrastar a figura bíblica e a mensagem a ser pregada.

Esse tipo de sermão dá margem para o uso dos recursos literários do pregador. Figuras de linguagem, fecunda imaginação, criatividade de pensamento, fazem parte das preciosas ferramentas a serem usadas no caso. Mas ainda o pregador deve se lembrar de que a mensagem não deve ser ofuscada pelo brilho de seus dotes literários. Deve-se buscar a elegância, mas não a exuberância de

*Conjuro-te...  
que  
Pregues a  
Palavra*

estilo. A mensagem deve ser conservada durante todo o sermão como a pedra angular e não ser mutilada por nenhuma razão.

### 3. Sermão Bíblico Casual

Esse tipo representa o mais fraco e inferior tipo de sermão no que se refere à autoridade da Escritura, porém ainda é aceitável.

O pregador faz uso livre da Escritura no que se refere à interpretação.

Infelizmente, essa é a forma mais comum de pregação usada nos púlpitos Adventistas. Nele o pregador utiliza qualquer material que encontrou durante sua leitura de jornal, revistas seculares, e apenas irá à Bíblia para buscar uma passagem que se ajuste a sua idéia. O caminho a seguir será das idéias seculares, à Bíblia, e não da Bíblia à vida comum.

a) Como exemplo tomamos Atos 27:29. "E, receosos de que fôssemos atirados contra lugares rochosos, lançaram da popa QUATRO ÂNCORAS, e oravam para que rompesse o dia".

O pregador esboça o sermão — "As Quatro Âncoras da Igreja Cristã".

1. Frequência à Igreja
2. O Estudo da Bíblia
3. A Prática da Oração
4. A Fraternidade

Está muito bem, porém, o texto bíblico nada tem que ver com essa mensagem.

Nesse caso a Bíblia é usada, mas não a mensagem da Bíblia. Esse tipo de sermão é muito comum nos púlpitos também das igrejas que estão mais preocupadas com o evangelho social, porque qualquer assunto pode ser pregado sob o pretexto de pregação evangélica.

### 4. Sermão Bíblico Corrompido

Estou colocando aqui este tipo de sermão apenas para completar a classificação, mas estou seguro de que nenhum pregador Adventista o tem pregado.

Esse sermão é aquele no qual o pregador é desleal para com a verdade do texto bíblico, usando uma descuidada interpretação, torcendo as Escrituras, pervertendo a doutrina pa-

ra acomodá-la a sua convicção denominacional, ou opinião pessoal.

a) Tomemos o verso de Atos 10:9 como exemplo. Neste verso encontramos a história da visão de Pedro sobre o dever de pregar o evangelho aos gentios. Mas o pregador toma a passagem e prega um sermão sobre "A Visão da Liberdade Cristã", afirmando que qualquer animal serve para alimento do homem em a nova dispensação.

Evidentemente este é um caso extremo, mas muitos pregadores têm a tentação de torcer a Bíblia para ajustá-la a suas próprias idéias, principalmente no que se refere a área de práticas cristãs.

### Conclusão

Não é tempo de alimentar o rebanho do Senhor com pobre e inferior alimento.

Não é prudente deixarmos a fonte cristalina da água da vida e levarmos nossos irmãos a se dessedentarem em fontes poluídas.

Cada pregador devia levar a sério seu dever de pregar.

Qual é a autoridade de seu sermão? À luz da revelação ele poderá ser classificado. Ele poderá ter o selo da divina autoridade ou a superfluidade das palavras dos homens.

Gostaria de sugerir aos companheiros no ministério da Palavra, que fizessem uma séria classificação dos sermões que possuem, quanto a seu nível de autoridade. Se for necessário, joguem fora alguns deles e busquem substituí-los com sermões legitimamente bíblicos.

Como embaixadores do Céu, os pregadores devem anunciar a mensagem do Rei, contida no Livro dos livros.

"Prega a Palavra! É a Palavra que demanda a sua atenção como pregador".<sup>6</sup>

### Bibliografia

1. E. G. White — *Review and Herald*, 24 de abril de 1888.
2. E. G. White — *Review and Herald*, 24 de abril de 1888.
3. E. G. White — *Testimonies to Ministers*, pp. 33 e 337.
4. E. G. White — *Testimonies to Ministers*, p. 337.
5. H. C. Browne Jr. — *A Quest for Reformation in Preaching*, p. 35. Word Books, Publishers Waco, Texas — 1968.
6. E. G. White — *Review and Herald*, 24 de abril de 1888.

*Conjuro-te...  
que  
Pregues a  
Palavra*

# A Criação— Uma Semana Repleta de Milagres

A primeira semana foi uma sucessão de maravilhas do poder de Deus. A criação é tema que convida ao estudo e à reflexão e certamente o será por toda a eternidade, pois mistérios profundos envolvem essas manifestações do Infinito.

Como a Revelação é sucinta e simples, dá margem a muita meditação e mesmo especulação. No entanto, neste mister é importante não se esquecer da advertência do Espírito de Profecia: “Pode ser inofensivo pesquisar além do que a Palavra de Deus revelou, se nossas teorias não contradizem fatos encontrados nas Escrituras”.<sup>1</sup>

## Dias Literais

Entre o começo singelo e a complexidade atual, o evolucionismo coloca milhões de anos. Sob a luz do uniformismo os processos são morosos e requerem uma série de coincidências e “situações especiais” para se chegar aos fenômenos hoje observados.

Dois cientistas, falando sobre os períodos geológicos, dizem:

“Os períodos como agora são definidos, variam em extensão, de 20 para 100 milhões de anos cada um, sendo os dois mais longos o cambriano e o ordoviciano; mas se os princípios dos diatrofismo e evolução orgânica são completamente aplicados, dez, em vez de sete períodos serão reconhecidos no Paleozóico, e a extensão destes será entre 20 e 45 milhões de anos cada um”.<sup>2</sup>

No entanto, em estilo simples e

---

MÁRCIO DIAS  
GUARDA

---

Márcio Dias  
Guarda, Pastor  
em Ijuí, RS

conciso o Gênesis narra a Criação com a idéia implícita de que os dias foram períodos de 24 horas reais.

A palavra hebraica para “dia” é “yom”.

Alguns tentaram harmonizar a ciência e a revelação explicando que “yom” poderia ser tomado como “um período indefinido de tempo”.

Tal interpretação é contestada por todos os hebraístas de renome, como Skinner: “A interpretação de “yom” como “alom” ... é oposta ao claro sentido da passagem e não tem justificação no uso do hebraico”.<sup>3</sup>

A estas observações acrescenta-se que, quando “yom” vem definido por um ordinal refere-se automaticamente a um dia literal.

Coffin traz mais provas:

“As plantas foram criadas no terceiro dia e os animais no quinto e sexto dias. Devido à mútua interdependência entre plantas e animais (insetos à polinização, por exemplo), não poderia haver um período longo entre o terceiro e quinto dias da criação”.<sup>4</sup>

Além disso, o sábado do quarto mandamento — um dia literal de 24 horas — foi instituído para memorial da criação.

“No Éden, Deus estabeleceu o memorial de Sua obra da criação, depondo a Sua bênção sobre o sétimo dia. O sábado foi confiado a Adão, pai e representante de toda a família humana. Sua observância deveria ser um ato de grato reconhecimento, por parte de todos os que morassem sobre a Terra, de que Deus era seu criador... Assim a instituição, era totalmente comemorativa...”<sup>5</sup>

Noutro capítulo Ellen White diz taxativamente:

“Semelhante ao sábado, a semana originou-se na criação, e foi preservada e trazida até nós através da história bíblica. O próprio Deus mediu a primeira semana como modelo para as semanas sucessivas até o final do tempo”.<sup>6</sup>

Assim se torna evidente que a história simples e claramente enunciada em Gênesis 1 diz em palavras inconfundíveis que a semana da criação foi uma semana de sete dias solares, justamente como todas as outras semanas desde então.

## Primeiro Dia

Do início ao fim a primeira semana da história da Terra foi cheia de milagres. Deus não deu muitos detalhes sobre a Criação, antes o relato de Gênesis é breve, porém, completo.

“No princípio criou Deus os céus e a terra. A terra porém era sem forma e vazia, havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas”.<sup>7</sup>

Os escritores bíblicos não discutem que princípio é esse, porém, sabe-se que os hebreus não especulavam com respeito à eternidade. Já na palavra seguinte o escritor de Gênesis deixa esse “princípio” por conta de Deus, que ele aceita “a priori” como pré-existente a toda forma de matéria.

Apesar de a palavra “bara” nem sempre significar “criar do nada”, nesse contexto é criar *ex nihilo* no sentido absoluto.

A expressão “os céus e a terra” é geralmente aceita como se referindo ao sistema solar todo.

Esclarecendo a questão: o que foi criado no primeiro dia e o que já existia antes; diz Marsh:

“Absoluta escuridão havia na superfície da terra. Aparentemente, nem mesmo a luz das estrelas alcançava a superfície. Que as estrelas existiam naquele tempo é certo, porque agora sabemos que tem incidido sobre a nossa terra o brilho estelar que deixou as estrelas milhões de anos-luz no passado — e nossa terra, de acordo com a cronologia bíblica, não pode ter mais do que sete mil anos de existência. É provável que a camada de nevoeiro que envolvia a terra como os versos seguintes o indicam, impedisse que o brilho das estrelas a alcançasse”.<sup>8</sup>

Coffin diz mais resumidamente: “É razoável pensar que nosso sistema solar — o Sol, os planetas e seus satélites — foram criados como uma unidade”.<sup>9</sup>

A palavra hebraica para luz se refere mais ao fenômeno físico que aos corpos celestes. Indica portanto que a luz era percebida (de forma difusa) mas a fonte não. Só no quarto dia o disco solar apareceu visivelmente, e a partir de então passou a con-

trolar claramente os dias.

## Segundo Dia

“E disse Deus: Haja firmamento no meio das águas, e separação entre águas e águas. Fez, pois, Deus o firmamento e separação entre as águas debaixo do firmamento e as águas sobre o firmamento. E, assim se fez. E chamou Deus ao firmamento Céus”.<sup>10</sup>

A obra do segundo dia da criação consistiu unicamente na formação desta expansão. Uma camada de ar pesado e seco se interpondo entre uma camada de água e outra de vapor de água. A luz solar, incidindo pela segunda vez deve ter tido papel importante nessa mudança de condições. Desde então o sol e outros agentes têm sustentado as nuvens no alto do firmamento deixando desimpedido um espaço para os seres vivos — uma biosfera.

Muitos criacionistas evidenciam que nessa ocasião teria sido formada uma camada de vapor de água acima da atmosfera terrestre.

Essa camada seria responsável por:

1. O clima de “eterna primavera” que reinava sobre a terra; pois, uma camada assim teria efeitos modificadores sobre os raios solares.

2. Seria um escudo protetor contra os raios cósmicos, o que era responsável, em parte, pela longevidade dos antediluvianos.

3. As camadas de ozona da atmosfera teriam servido para reter esse vapor, já que a ozona tem grande afinidade pela água e permite grande saturação.

4. Esse vapor envolvente teria se condensado por ocasião do dilúvio, tornando possível chover torrencialmente em toda a terra por quarenta dias e noites.

Convém lembrar que a cosmologia dos antigos continha um firmamento sólido que era enrolado como um rolo e do qual pendiam os luminares. Eles acreditavam que viviam sob uma tenda presa a sólidos suportes. Nella, janelas se abriam para a chuva cair. Esses conceitos são refletidos nas seguintes passagens bíblicas: Gênesis 7:11; “luzeiros pendendo do firmamento”, Salmo 104:2; Isaías 40:22, “céus como cortina”; Jó 26:11, “pilares do céu”; II Reis 7:2, “ja-

nelas do céu abertas"; Apocalipse 6: 14, "céu se enrola como um pergaminho".

Davi, falando dos céus de seu tempo (Salmo 148:4), usa a mesma expressão que Moisés, sem argumentar que uma camada de vapor envolvente existiu depois do dilúvio.

Ainda, nenhuma vida é possível sem ar. As plantas necessitam dele tanto como as criaturas. Sem a atmosfera a Terra seria tão imprópria para a vida como é a Lua; tremendamente quente nas regiões expostas ao Sol e gelada em outras partes.

Deus estava preparando "a terra para ser habitada".<sup>11</sup>

Pela ação da Palavra de Deus não somente o ar foi criado como foi interposta uma camada de ar seco entre a água da superfície e o ar úmido.

O tempo em que o verbo foi usado dá a idéia de continuidade, ou seja, as agências postas em função naquela hora continuam a fazer com que as nuvens flutuem no firmamento e deixem assim um espaço livre para o movimento dos seres vivos sobre a Terra.

### Terceiro Dia

Aparecera a luz, a atmosfera estava livre do nevoeiro e agora no terceiro dia o "abismo" recebe atenção. As águas em cima nos céus já estavam reunidas em uma camada de nuvens, espessa e contínua, e agora as águas debaixo dos céus são reunidas num lugar.

Isto era a continuação das obras do segundo dia, por isso, afirmam alguns, no final do segundo dia não houve a usual aprovação do Criador à Sua própria obra: "E viu Deus que era bom".

"Disse também Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num só lugar, e apareça a porção seca. E assim se fez. A porção seca chamou Deus Terra, e ao ajuntamento das águas, Mares. E disse: Produza a terra seca relva, ervas que dêem semente e árvores frutíferas... E viu Deus que isso era bom".<sup>12</sup>

O terceiro dia começou com modificações profundas sobre a superfície da terra. Grandes massas eram empurradas de sob as águas, que se limitavam a áreas mais específicas. Assim surgiu a terra enxuta, os ma-



res e os rios.

Outra ordem dada nesse dia trouxe à existência os vegetais. Três grupos distintos são mencionados — capim ("deshe", no hebraico), ervas ("eseh", no hebraico) e árvores ("ets peri" no original).

A interpretação destes termos é muito discutida. O SDABC diz que "alguns consideram o primeiro dos três termos como genérico para plantas, incluindo, pois, o segundo e o terceiro".<sup>13</sup>

Já Marsh menciona que "pode referir-se a formas como musgos, líquens e outras espécies que tapetizam o chão".<sup>14</sup>

Deve-se chamar a atenção para dois fatos importantes: a vegetação que veio a lume no terceiro dia incluía as plantas com semente, que os evolucionistas consideram como formas mais elevadas e recentemente evoluídas; e a dedução lógica de que as plantas foram criadas adultas. Aliás, o clima tropical e subtropical que imperava produziu uma luxuriante vegetação na jovem terra, destacando-se por sua beleza o Jardim do Éden.

No verso 12 de Gênesis, dentro da narrativa do terceiro dia de criação aparece, pela primeira vez a expressão "segundo a sua espécie" que é repetida na descrição do quinto e sexto dias.

Coffin informa: "A expressão 'segundo a sua espécie' é usada 30 vezes nos livros de Moisés, particularmente em Gênesis 6 e 7, Levítico 11, e Deuteronômio 14".<sup>15</sup>

Ao tempo em que Darwin escreveu o seu livro "A Origem das Espécies" os religiosos em geral defendiam a extrema rigidez das espécies baseados nessa expressão de Gênesis 1.

Muitos problemas são criados por interpretar a palavra "espécies" como correspondendo exatamente aos grupamentos hoje considerados como tal. Não há uma correspondência perfeita.

Os criacionistas modernos têm admitido uma micro-evolução que pode ocorrer dentro de uma espécie pelo cruzamento de dois ou mais de seus elementos; nunca porém dando um novo tipo fundamental, o que seria uma macro-evolução.

### Quarto Dia

Os eventos do quarto dia de criação são extraordinariamente interessantes. Uma leitura apressada de Gênesis 1:14-19 pode levar o leitor a pensar que Deus transferiu Sua atividade criadora para outras partes do Universo. Nunca se deve esquecer, porém, que a história da criação foi escrita para o homem, portanto tudo é narrado tendo em vista o lar do homem — a superfície da terra.



“Disse também Deus: Haja luzeiros no firmamento dos céus, para fazerem separação entre o dia e a noite; e sejam eles para sinais, para estações, para dias e anos. E sejam os luzeiros no firmamento dos céus, para alumiar a terra. Fez Deus os dois grandes luzeiros... e também as estrelas”.<sup>16</sup>

É importante notar que o verbo hebraico nestes versos não é o mesmo que dos anteriores (bara — criar), mas (asah — libertar de restrição). Então o trabalho do quarto dia foi romper a contínua camada de nevoeiro tornando visíveis o Sol, a Lua e as estrelas, o que não acontecia até então.

“A glória de Deus nos Céus, os mundos inumeráveis em suas ordenadas revoluções, o ‘equilíbrio de grossas nuvens’, os mistérios da luz e do som, do dia e da noite, tudo, estava patente ao estudo de nossos primeiros pais”.<sup>17</sup>

Ellen White faz, nesse trecho, menção de grossas nuvens que ainda existiam, no tempo de Adão e Eva.

Logo, o Sol, a Lua e as estrelas foram criados antes do quarto dia. Alguns, baseados na expressão “os céus e a terra”; do verso 1, que para os hebreus se referia ao sistema solar, defendem que o sistema solar foi criado no primeiro dia da criação. Outros, lembrando que a adição do sistema solar no primeiro dia poderia trazer problemas para o equilíbrio do Universo, concluem que tal sistema foi criado junto com todo o Universo “no princípio”<sup>18</sup> — num princípio remoto e nos dias da criação foram “preparados” para que a terra pudesse ser habitada.

A frase “e as estrelas”<sup>19</sup> pode trazer alguma luz nesta discussão. Ela é, em hebraico, acrescentada bruscamente ao pensamento, ficando praticamente desligada do sentido da frase. É uma expressão “parentética”. Por outro lado, se demonstra,

pele tempo, que a luz de algumas estrelas demora para alcançar a Terra, que elas existem há muitos milhares de anos. Logo, a conclusão é que elas (e o Universo) foram criados anteriormente; e o sistema solar, ou apenas a terra na semana da criação; ou ainda que tudo foi criado “no princípio” e a semana da criação foi época de especial atividade relacionada com a terra.

### Quinto Dia

Os dois últimos dias foram dedicados à criação de matéria orgânica.

“Disse também Deus: Povoem-se as águas de enxames de seres viventes; e voem as aves sobre a terra, sob o firmamento dos céus. Criou, pois, Deus os grandes animais marinhos e todos os seres viventes que rastejam... e todas as aves, segundo as suas espécies. E Deus os abençoou dizendo: Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei as águas dos mares; e, na terra, multipliquem-se as aves”.<sup>20</sup>

A ordem é dada para que as águas se encham de enxames. A origem dos animais aquáticos e alados não é revelada neste capítulo.

Pela primeira vez na Bíblia, aparece no verso 21 a palavra “nephesh” — “alma vivente”. O ponto de vista bíblico é que as plantas não têm vida como os animais. Unicamente os animais manifestam vida em “almas”, mas esta “alma”, diz Marsh, “deve ser aparentemente considerada como nada mais que ‘aquilo que respira’”.<sup>21</sup>

A palavra hebraica usada para “animais marinhos” é “tanimin” que antigamente era traduzida por “baleias” mas inclui todos os grandes animais do mar. A palavra vem de uma raiz que significa “de grande comprimento”. Isto incluiria não somente os grandes peixes, mas também baleias, répteis aquáticos e anfíbios.

É dedução lógica do verbo enxamear, dos versos 20 e 21, que de cada espécie (tipo fundamental) apareceram vários pares.

“Os tipos de animais criados no quinto dia são extremamente variados. Mamíferos, insetos, peixes, vermes, moluscos e pássaros são representados. Uma rápida comparação da lista acima com as realizações

do sexto dia, quando também foram criados vermes, mamíferos e insetos, etc., impede concluir que houve qualquer seqüência evolutiva. As mais complexas e as mais simples formas de vida foram criadas em ambos os dias".<sup>22</sup>

### Sexto Dia

O sexto dia completa a obra de criação dos animais.

"Disse também Deus: Produza a terra seres viventes, conforme a sua espécie, animais domésticos, répteis, e animais selváticos. E assim se fez... Fazemos o homem à Nossa imagem, conforme a Nossa semelhança... Criou Deus, pois, o homem a Sua imagem... homem e mulher os criou... E disse Deus ainda: Eis que vos tenho dado todas as ervas que dão semente e se acham na superfície da terra, e todas as árvores em que há fruto que dê semente; isso vos será por alimento".<sup>23</sup>

Aqui, como no terceiro dia, em vez de chamar à existência as criaturas terrestres por Sua Palavra, o Criador capacitou a terra a produzi-las.

Ele dividiu os animais terrestres em três classes: "behemal" — animais domésticos, que são frequentemente chamados de gado. Em seguida o grupo dos "renies" — rastejar; este grupo abrange mais que a classificação atual de répteis. E, por fim, "chayyath haarets" — bestas feras da terra, ou animais que vivem em liberdade. Dentro do contexto da Bíblia — um livro não científico — esta é uma boa divisão, pois abarca todos os tipos de animais.

Curioso é notar que a bênção dos versos 22 e 28 não é pronunciada sobre este último grupo.

No fim da semana criativa, após um conselho especial no Céu, o homem é criado à imagem de Deus.

Ellen White descreve: "ao sair Adão das mãos do Criador era de porte nobre e bela simetria. Era mais alto que os homens de hoje, mas bem proporcionado... Sua complexão era nem branca nem morena, mas rubra deixando transparecer sua perfeita saúde".<sup>24</sup>

"... Tinha vinte vezes mais força vital que os homens de hoje...".<sup>25</sup>

Arrisca Coffin: "Se Adão tinha doze pés ou mais de altura, devia

(Continua na pág. 23)

# Sei

## O Adventismo

Este artigo foi extraído da revista *Spectrum*, publicada nos Estados Unidos, com o objetivo de incentivar os adventistas a participarem de debates e considerações sobre assuntos da atualidade, de um ponto de vista cristão.

AOS olhos dos sociólogos, qualificar de seita a Igreja Adventista do Sétimo Dia, é tentar simplesmente encontrar um termo apropriado para um movimento como este que representa um dos diversos agrupamentos religiosos de notável importância nascidos no século XIX, na parte oriental dos Estados Unidos. Numericamente falando, esses diversos agrupamentos situam-se hoje entre as mais importantes minorias religiosas da cristandade. Tornando-se, por assim dizer, internacionais, eles têm conferido uma nova dimensão à palavra "seita". Sendo no passado grupinhos muito localizados, dobrados consecutivamente, numerosas seitas estabelecidas hoje no mundo inteiro se transformaram em igrejas prósperas e bem organizadas. A despeito, porém, de seu crescimento numérico, continuam sendo seitas, estando separados dos outros cristãos por suas doutrinas peculiares, por um estilo de vida cristã habitualmente muito comprometido, por uma concepção de si mesmos que os faz considerarem-se como desempenhando um papel singular no seio da cristandade, e que os leva às vezes a negar todo e qualquer papel semelhante às outras agremiações religiosas.

Depois de dizer isto, desejo definir claramente os limites desta exposição. Os sociólogos se interessam principalmente nos fatos que refletem certas condições sociais. Eles utilizam elementos de que dispõem

# ta ou Igreja:

## Podará Conservar Sua Imagem de Distinção? — 1.<sup>a</sup> Parte

como informações oriundas da vida social; destarte, os movimentos religiosos são para eles fenômenos essencialmente sociais. No tocante às razões de sua aparição na História e de seu desenvolvimento, convém atribuí-los, pelo menos em grande parte, à existência de uma conjuntura social particular. Quer dizer que para explicar um acontecimento, o sociólogo assume um ponto de vista muito diferente do de um teólogo. Este último julga as coisas por meio de uma regra normativa; o sociólogo, por sua vez, se esforça por colocar-se numa posição de estrita neutralidade. A principal preocupação do teólogo é ensinar em que consiste a verdade. De seu ponto de vista, isso implica tacitamente que a verdade deve ser defendida contra todas as outras opiniões, as quais, em menor ou maior grau, são heresias.

Sempre que procura estabelecer a verdade, o sociólogo não está pessoalmente comprometido. Além disso, para ele, a verdade não precisa ser inevitavelmente identificada com o que é bom ou desejável. De acordo com o seu critério, a verdade se restringe à faculdade de descobrir tais vínculos — fortuitos — da causa para o efeito, e a descrever certos fenômenos suscetíveis de servir de base a um método de análise convincente. Tentar elaborar uma profissão de fé ortodoxa, assimilar a verdade a fórmulas particulares não empíricas, aderir a prescrições éticas precisas, não entra na cogitação do sociólogo. Na medida do possível, sua linguagem permanece neutra e sua terminologia é desprovida de co-

---

B. WILSON

---

notações pejorativas ou elogiosas.

Assim, contrariamente aos teólogos que em geral empregam a palavra "seita" com um sentido pejorativo, o sociólogo utiliza este termo num sentido completamente neutro para designar uma minoria à parte, um agrupamento caracterizado por particularidades ideológicas que o distinguem entre os que pertencem às grandes igrejas tradicionais. Tudo o que um sociólogo considera como "seita" pode ser definido por meio de certo número de proposições que descrevam certos característicos prováveis, mas não necessariamente essenciais.

### Adesão Total

1. As seitas constituem agrupamentos minoritários distintos que resolveram colocar-se à margem das comunidades eclesásticas tradicionais. Querem viver igualmente à parte da cultura e da sociedade em geral, em virtude de seus preceitos de moral, do senso de sua originalidade própria e de sua vocação particular.

2. As seitas pretendem deter o monopólio da verdade completa e total, quer sob a forma de um retorno ao ensino primitivo, quer por meio duma revelação especial adequada tanto à época de sua aparição na História como a todas as épocas posteriores.

3. Por conseguinte, a seita se considera como uma elite em relação ao mundo ao seu redor, um remanescente especialmente protegido, tendo um destino deveras peculiar.

4. No seio de tais movimentos mi-

B. Wilson,  
Professor de  
Sociologia na  
Universidade de  
Oxford,  
Inglaterra

noritários espera-se uma dedicação unilateral de todos os adeptos, e evita-se estabelecer qualquer distinção interna, mesmo que seja sob o pretexto de excepcional competência espiritual de um ou outro entre eles.

5. Além disso, exige-se que essa dedicação unilateral seja total. Por esse motivo, as seitas procuram condicionar o ambiente de seus membros, quer tentando controlar suas atitudes mentais para com o mundo, quer estabelecendo proibições no tocante a numerosos aspectos da vida secular.

6. Há também acentuada preferência pelas responsabilidades atribuídas aos leigos, pela igualdade dos membros no que diz respeito ao exercício da hierarquia, chegando-se às vezes até mesmo à recusa de possuir um ministério remunerado, ou cada vez mais à rejeição de um "sacerdócio" profissional especializado.

7. Estando deveras preocupada em salvaguardar certas regras de consagração, a seita deve dispor evidentemente de um mecanismo que possibilite ao mesmo tempo a exclusão dos membros recalcitrantes e a proteção de suas fronteiras confessionais. Isto abrange forçosamente a definição de certos valores exigidos dos que solicitam sua adesão, e continuamente requeridos aos que desejam conservar seus privilégios de membros em plena comunhão.

8. A seita procura manter um estilo de vida peculiar, com o objetivo de preservar seus adeptos da influência do mundo; também lhes impõe regras de conduta bem definidas e princípios específicos em questões de obrigação moral.

9. Vemos, portanto, que as seitas se apresentam como grupos éticos contestadores acerca da sociedade em geral julgada em certa medida como reprovada.

10. Tendo peculiar concepção histórica do papel que acredita ter sido chamada a desempenhar no mundo, a seita avalia a história passada em relação a sua óptica subjetiva atual.

As características mencionadas acima se aplicam de maneira geral aos grupos que os sociólogos — bem como o homem da rua — qualificam de seitas, sem a menor hesitação. À semelhança de todos os agrupamentos religiosos, as seitas dedicam certo interesse ao assunto da salvação.

Seja como for, elas se consideram como coletividades que abrangem os eleitos ou pelo menos os candidatos à salvação. De que os seus adeptos creem serem salvos? A resposta pode variar de uma seita para outra. Mas, do ponto de vista sociológico, pode-se dizer que a seita acredita estar salva do mundo, e libertada das circunstâncias inerentes à vida da humanidade em geral. Na opinião do sociólogo, antes que na do teólogo, a seita se considera realmente como uma arca de salvação, arrancando homens e mulheres da sociedade ao seu redor e introduzindo-os numa comunidade que tem profunda convicção de sua própria santidade e de seu destino. Esta noção de que a comunidade constitui um baluarte da salvação, é na verdade muito antiga; corresponde a um vasto conjunto de experiências humanas. Com efeito, dum agrupamento para outro, semelhante concepção é mais ou menos erigida em doutrina; no entanto, esse elemento também desempenha um papel tão importante no plano da propaganda manejada pelas seitas como na concepção que elas têm a respeito de si mesmas.

#### As Perspectivas da Salvação

Como é óbvio, o conceito de salvação é, teologicamente falando, suscetível de ser interpretado diferentemente. As diversas religiões existentes no mundo compreendem a salvação de modo muito diferente: triunfo sobre o desejo, ressurreição do corpo, transmigração da alma. Nas ideologias religiosas menos abstratas, a salvação pode consistir principalmente em "dar andamento às coisas" por meio de processos mágicos, eliminando a doença, livrando-se dum feitiço, dum azar ou duma misteriosa maldição. Não é mesmo a cristandade tradicional que não deixa aparecer as divergências acerca da soteriologia. Neste setor, a tradição cristã dá lugar tanto à cura do corpo como à concepção altamente espiritualista dum paraíso no além, sem excluir a necessidade de ser livrado neste mundo de um funesto regime político.

Qualquer que seja, porém, o conteúdo teológico do conceito da salvação, encontramos na presença de um elemento sociológico comum que

transparece nos preceitos, nas formas de atividade e nas aspirações relacionadas com a salvação. Esse elemento consiste em dar atualmente ao homem as garantias alusivas às circunstâncias de sua vida pessoal, às suas possibilidades de vida presente ou futura. A característica dos sistemas religiosos é a falta de provas empíricas. Destarte, as perspectivas da salvação não excedem muito o nível da esperança. Mesmo no caso de curas físicas operadas graças à intervenção dum poder sobrenatural, insiste-se muitas vezes no fato de que as condições subjetivas do suplicante são mais importantes do que as forças sobrenaturais objetivas; diz-se que os doentes são curados pela fé. Pois bem, os sociólogos consideram esse elemento subjetivo como o aspecto sociológico da salvação; esta constitui uma certeza quanto ao que é considerado um mal do ponto de vista cultural.

Sem dúvida alguma, as diversas seitas concebem o problema suscitado pela libertação do mal no próprio sentido aceito pela tradição cristã. Acontece, porém, que diversos agrupamentos não estão de acordo no tocante à definição do mal nem quanto à forma em que convém esperar a salvação. A esse respeito, muitas seitas apresentam explicações divergentes. Podem-se distinguir várias hipóteses por meio das respostas formuladas pelas seitas de profissão cristã:

1ª. A tese *conversionista*, que dá ênfase à "transformação dos homens" mediante uma experiência subjetiva tão intensa que sua atitude para com a vida, o mundo e seus semelhantes será totalmente modificada. Aqui é dado o primeiro lugar ao coração; a salvação tem como principal objetivo suscitar um avivamento e uma reorientação emocional da pessoa para com o mundo. O Exército da Salvação, os "Holiness movements" (movimentos da santidade) e as assembleias pentecostais pertencem a essa posição que se situa exatamente na linha de todas as doutrinas das seitas herdeiras da antiga ortodoxia protestante.

2ª. A tese *revolucionária*, segundo a qual Deus vai transformar o mundo pela eliminação do mal e a instauração da justiça. Esta concepção corresponde à expectativa duma subver-

são da ordem das coisas no mundo e ao anúncio do repentino estabelecimento do reino de Deus, graças à intervenção pessoal da Providência na história da humanidade. A doutrina das testemunhas de Jeová e a dos cristadelfos acham-se muito próximas deste ponto de vista.

3ª. A tese *introversionista* enaltece pura e simplesmente o afastamento deste mundo perverso. Nada da questão de modificar os homens ou o mundo! A humanidade deve ser abandonada à sua própria sorte, e não pode ser admitida nenhuma intrusão do espírito do mundo na vida da comunidade. Tal foi a linha de procedimento adotada pelos quacres ingleses do século XVIII, por diversos agrupamentos comunitários e pelos irmãos do movimento darbista.

4ª. A tese *manipulacionista* ou *gnóstica* pretende vencer o mal recorrendo a um conhecimento esotérico dos princípios revelados por Deus, mas parcialmente encobertos. O iniciado aprende como tirar proveito de suas próprias concepções sobre o mundo, a sociedade e Deus, a fim de reinterpretar os acontecimentos de modo que seja atenuado o mal e favorecida a experiência da salvação. A doutrina da Ciência Cristã se aproxima bastante desta posição.

5ª. As teses *taumatúrgicas* se relacionam com o que acabamos de mencionar, mas têm a tendência de divulgarem muito menos os princípios naturais de causa e efeito. Preconizam uma experiência pessoal de salvação, bem localizada e realizada de improviso. Trata-se menos duma adesão a princípios objetivos pertencentes à metafísica, do que de uma fé em espíritos ou poderes singulares tendo aspecto quase pessoal. Em nossas sociedades ocidentais, os que costumamos chamar de *espíritas* se valem em menor ou maior grau dessa teoria.

6ª. A tese *reformista* é dum caráter muito especial. Aqui o mal é compreendido como sendo suscetível de ser tratado pouco a pouco, graças a esforços assíduos e conscienciosos, e à ação de atividades sociais. A penetração espiritual da religião se restringe praticamente aos impulsos da consciência com vistas à realização desse ideal amplamente influenciado por conceitos racionalistas sobre a

sociedade. Os quacres de nossa época constituem o agrupamento mais relacionado com esta doutrina.

7ª. A tese *utópica* dá ênfase a uma exigência absoluta visando à reestruturação completa da sociedade humana, a começar do plano de Deus. Esta tese também se apresenta sob formas abertamente racionalistas; ela constitui entretanto uma solução de inspiração cristã na medida em que os objetivos ambicionados são considerados como sendo o reflexo dos preceitos divinos. A seita dos Oneida pretende defender esta tese.

Sejam quais forem, todas essas doutrinas constituem hipóteses ou tentativas de solução em face da existência do mal neste mundo e da necessidade de vencê-lo ou de escapar de seu domínio. No nosso tempo, as seitas são suscetíveis, mais cedo ou mais tarde, de adotar uma ou várias das teorias supracitadas, para, no momento oportuno, chegar a modificar a formulação de sua dialética. São as circunstâncias que inevitavelmente suscitam, por assim dizer, tais revisões. Neste sentido, é característica a alteração das circunstâncias que ocorrem depois duma guerra. Um conflito pode alterar completamente as condições de vida duma seita, modificar suas relações com o poder político estabelecido, com seu meio ligado às tradições religiosas, etc. Uma outra forma de modificação pode produzir-se quando um movimento efetua a experiência duma oscilação entre a admissão de novos conversos e os que pertencem à segunda geração ou mesmo a gerações subseqüentes.

Todas as seitas que sobreviveram ao desgaste do tempo deparam com o problema de saber como incorporar devidamente as crianças nascidas numa família de conversos. Quer queiram, quer não, todos, sem exceção, devem compreender que os membros pertencentes à segunda geração nutrem aspirações diferentes das de seus pais: eles podem compreender sua atitude para com o mundo de modo muito diferente; são suscetíveis de se mostrarem aparentemente incapazes de dar o devido valor às posições conquistadas por seus pais com grande esforço; podem mostrar-se dispostos a fazer uso de acomodações e de compromissos para com o mundo

exterior a um grau que até então era inconcebível. Na realidade, a maior parte das agremiações religiosas não obtêm novos conversos depois de aparecerem os adeptos da segunda geração, a não ser após considerável espaço de tempo. O momento crítico tem, portanto, conseqüências geralmente menos dramáticas que as que ocorrem depois duma guerra. Contudo, após uma análise, convém distinguir os dois tipos de recrutas e circunscrever alguns dos problemas cruciais.

### Valores Morais e Normas Sociais

Uma terceira circunstância própria para ocasionar alterações reside na questão de saber até que ponto é possível conciliar os valores morais enaltecidos pela seita com as circunstâncias — cambiantes — da vida de seus membros. Não é raro que a austeridade, a aplicação ao trabalho e a consciência profissional — todas elas virtudes prescritas nos movimentos minoritários, famosas regras de virtudes vitoriana — redundem, para um grande número de adeptos, numa considerável elevação do nível de vida, da prosperidade material e da educação. Wesley previu esse processo lógico observando os metodistas de sua época; mas o problema é constante. Sem dúvida, até mesmo um aumento relativo das riquezas, uma educação mais esmerada e o fato de se tornarem proprietários, são igualmente circunstâncias próprias para alterar as aspirações religiosas dos seres humanos. Por fim, ao chegar o crente a desfrutar geral consideração no mundo dos negócios, ele pode acabar não achando conveniente continuar a testemunhar do zelo transbordante no âmago duma seita de veras rigorista. As conseqüências de tais modificações certamente são numerosas. Nas denominações que representam camadas sociais muito semelhantes, algumas pessoas têm a faculdade de mudar sua dependência do meio confessional — o que é feito mais facilmente por meio de uma modificação — abandonando uma comunidade de uma classe mais modesta para ingressar numa outra cuja posição social esteja mais próxima da que se atingiu recentemente. Pode-se confirmar o nível social por meio da filiação em certos

grupos e igrejas especiais. Sem dúvida, o espírito de fidelidade à comunidade original pode permanecer intato, mas os membros que sobem pouco a pouco na escala social talvez cheguem a acalantar novas idéias acerca da razão da existência de algumas atividades da coletividade ou de certas formas de culto. Eles também se aventuram a perguntar a si mesmos até que ponto se justifica ainda uma ação destinada a influir sobre a sociedade como um todo, etc. Por via de regra, à medida que os membros duma seita são favorecidos por uma promoção social, ela acaba adotando progressivamente a liturgia das igrejas mais antigas, esforçando-se também por imitá-las no que se refere à beleza dos edifícios religiosos, da música sacra, e até mesmo das vestes sacerdotais. Às vezes há intensa competição com os outros agrupamentos religiosos; às vezes, também, a referida atitude se limita a querer defender um "estatuto de conveniência" relativamente aos meios cristãos tradicionais e à sociedade em geral.

Uma mudança de atitude pode surgir igualmente quando certos acontecimentos impõem uma revisão das doutrinas. Na realidade, tais revisões são efetuadas quase invariavelmente em consequência dum erro cometido no âmbito profético. Diversos esclarecimentos devem então ser providos para possibilitar que os membros compreendam devidamente qual a posição a ser adotada quando os acontecimentos firmemente aguardados não se cumpriram. Evidentemente, sempre resta um certo número de explicações possíveis, algumas das quais não chegarão, talvez, a satisfazer os adeptos que até então eram fiéis. Habitualmente, é necessário efetuar a todo custo certos reajustamentos no setor doutrinário. Pelo que diz respeito ao âmbito profético, deve-se proceder a uma revisão de certas datas salientadas, ou talvez seja conveniente reconsiderar certos pontos de exegese. De fato, importa não só determinar em que consistiu o erro cometido, mas também suscitar uma renovação da esperança, das certezas e da consagração. Evidentemente, nem todos os infortúnios são atribuíveis à interpretação das profecias; alguns se relacionam com

esperanças de natureza mais geral: a expansão do movimento, como na Ciência Cristã; o desempenho intelectual dos adeptos depois de uma sessão especial de terapia, como entre os fervorosos seguidores da Cientologia, segundo a qual o estado final de "lucidez" em que o indivíduo se liberta de todos os seus embaraços, será dotado duma memória e duma inteligência dez vezes maiores. Pelo que diz respeito a essa doutrina, ela deve a existência a duas renovações, pelo fato de que os resultados antecipados não foram atingidos. Seja como for, semelhantes reajustamentos não dão forçosamente ensejo a uma modificação da tese inicial; eles podem ser simplesmente a ocasião propícia para eventuais alterações.

Entre as diversas categorias de seitas, cumpre assinalar as seitas *conversionistas* que se baseiam em profunda experiência espiritual. Em virtude deste aspecto, os adeptos são levados a modificar totalmente sua atitude para com o mundo. A seita conversionista é inteiramente suscetível de passar por um processo que a levará a adotar, um dia ou outro, a condição de igreja oficial, depois de se haver despojado de sua originalidade específica, de maneira a encontrar-se em pé de igualdade em relação a outras confissões religiosas. Esse tipo de seita chegará provavelmente à categoria de igreja, e isso por diversas razões.

Em primeiro lugar, ela manifesta, sob diversos aspectos, menos diferenças no tocante a todos os agrupamentos oriundos da grande tradição protestante. Nesta condição, ela pode naturalmente tomar as igrejas mais antigas como pontos de referências, mesmo que se trate de movimentos mais ou menos laodiceanos. Em seguida, devido em parte à facilidade com que lhes são acrescentados novos adeptos, esta espécie de seita corre grande risco de consignar entre seus membros um enfraquecimento de sua consagração. Com efeito, em tais circunstâncias, confere-se menos importância à fidelidade ao movimento do que ao sentimento mais geral de julgar-se individualmente salvo. Essa dedicação menos profunda à noção de movimento ou de igreja e esse afrouxamento dos laços comunitários podem resultar final-

mente em menor rigor doutrinário e em eventuais acomodações mais ou menos oportunistas.

Em terceiro lugar, a posição de tais seitas envolve maior tolerância para com outros agrupamentos, e os diversos princípios ou as debilidades destes últimos também podem exercer influência sobre elas. A ausência duma posição claramente definida em face de determinada tradição e relativamente a uma certa corporação de crentes favorece o abandono das posições originais.

Em quarto lugar, essa categoria de movimentos, fiéis partidários das campanhas de evangelização, dá ensejo ao estabelecimento duma burocracia claramente centralizada, na qual os que detêm os postes-chaves se esforçam ao máximo por manter a considerável distância os problemas fundamentais da maneira como se apresentam localmente. Este sistema resulta em geral na especialização no trabalho; chegando-se a exigir normas diferentes dos pastores efetivos, por um lado, e dos simples leigos, por outro lado. Confia-se notoriamente em que os pastores “conhecem a doutrina”, a qual, segundo se supõe, não concerne aos membros leigos. O fato de que o conhecimento da doutrina, até mesmo acerca das “verdades” próprias à seita, não é amplamente divulgado, tem o efeito de atenuar ainda mais o empenho missionário dos membros. O aumento dessa classe de profissionais priva gradualmente a comunidade da faculdade de tomar decisões, em benefício dos especialistas mencionados mais acima.

Quanto ao mais, considerações de ordem técnica influem cada vez mais nas decisões, em detrimento das necessidades e das exigências locais, e sem consideração alguma por essa igualdade — outrora grandemente enaltecida — da faculdade que possui todo crente, de discernir a vontade divina.

Em quinto lugar, o funcionamento de semelhantes agrupamentos tende progressivamente para a rotina, ao ponto de o desenvolvimento de suas atividades ser avaliado em termos puramente racionais, conforme os relatórios e as contas apresentados. Por conseguinte, a qualidade é de

algum modo sacrificada à quantidade, um aspecto muito bem analisado nos escritos do missiologista Donald MacGravan. A rápida conversão de pessoas que apenas abraçaram os princípios fundamentais e as normas do movimento só poderá resultar no empobrecimento dos ideais e do estilo de vida deste último. A índole duma seita que consiste essencialmente na característica distintiva de seus adeptos, mais do que em sua competência profissional, suas origens sociais ou sua educação, conduz a referida seita pouco a pouco para a posição de igreja.

Em sexto lugar — e isto na mesma linha de nosso quinto ponto — a pressão exercida sobre as conversões — doravante mui facilmente obtidas mediante “transformações do coração” — é tão forte que os conversos relativamente mal assimilados serão talvez alistados no trabalho missionário, o que intensificará ainda mais o processo debilitador. Como tais movimentos não estão muito bem orientados do ponto de vista doutrinário, o conhecimento da doutrina será ali forçosamente desabonado, na própria medida em que a experiência da conversão tem sido mais intensamente sentida. Em todo caso, tal experiência espiritual nem sempre é fácil de ser partilhada, e, sendo assim ela corre o risco de efetuar-se com uma referência doutrinária bastante vaga. Para dizer a verdade, o caráter indefinido das tomadas de posição está mais ligado, neste aspecto, às orientações duma igreja, do que às das seitas.

As seitas de tendência revolucionária também podem sofrer modificações; neste caso, porém, a modificação mais provável fará com que passem da posição revolucionária adventista para uma posição claramente mais introversionista, em especial após o infortúnio suportado em consequência do não-cumprimento duma profecia. Por certo, a esperança formal referente ao acontecimento aguardado não é por enquanto posta de lado. Pelo contrário, após determinada decepção baseada numa questão de tempo, ou quando as circunstâncias reclamam crescente quantidade de paciência, pode suceder que no estilo de vida e no ambiente diário, o ideal adventista ceda a importân-

cia a outras coisas na vida do agrupamento envolvido. O desenvolvimento da vida da comunidade considerada em si mesma pode ter maior realce nas preocupações diárias dessa coletividade. Mas a ênfase pode também se deslocar em proveito da idéia de que se obtém a salvação por meio da vida comunitária, como sucedeu com os irmãos darvistas. Uma doutrina bem definida não constitui por si mesma um argumento suficiente a ser oposto ao mundo; e, em realidade, as seitas com freqüência são herdeiras de amplo e, às vezes, divergente conjunto de tradições, as quais refletem melhor que outras suas preocupações atuais. Os próprios cristadelfos que, desde o seu início, estavam imbuídos de profunda e duradoura esperança na *parousia*, tornaram-se, no intervalo entre duas guerras, um agrupamento muito mais ampliado, embora se apresente nos nossos dias cada vez mais como uma seita reformista. ■■

## A Criação

(Continuação da p. 3)

pesar cerca de uma tonelada".<sup>26</sup> Chamando a atenção para o primitivo regime alimentar do homem, pode-se notar que lhe foram dados os "frutos das árvores que dão semente" e as "ervas que dão semente". Isto inclui dois dos três grupos de plantas mencionados no verso 11. Em termos atuais seriam cereais, frutas e nozes.

### Sétimo Dia

"Seis dias foram empregados na obra da criação; no sétimo dia Deus repousou, e então o abençoou e o separou como dia de descanso para o homem".<sup>27</sup>

O verbo usado no hebraico tem a conotação de "cessar", "desistir". Não que estivesse cansado, ou que tivesse disposto a relegar ao esquecimento Suas obras, mas "por causa do homem"<sup>28</sup>, para definir uma instituição importante para a humanidade, Deus "Shabbath" — "cessou" durante o sétimo dia.

Citando frases da pena inspirada

sobre o valor do sábado:

"Deus viu que um repouso era essencial para o homem, mesmo no Paraíso... Necessitava de um sábado para, de maneira mais vívida, o fazer lembrar de Deus e para despertar-lhe gratidão, visto que tudo quanto gozava e possuía viera das benignas mãos do Criador.

"Era o desígnio de Deus que o sábado encaminhasse a mente dos homens à contemplação de Suas obras criadas".<sup>29</sup>

### Conclusão

Embora os evolucionistas extremados preguem as mais artificiosas teorias sobre a origem da Terra e sobre a origem da vida e seu desenvolvimento até às formas mais complexas, e os liberais admitam um Deus Criador ao qual relegam a tarefa inexpressiva de "orientar e dirigir o processo evolutivo através das longas eras" e uma vez que não têm provas coercivas a favor dos pontos básicos do evolucionismo, sua teoria continua a ser palavras de homens contra a Palavra de Deus.

Devemos pois, firmar-nos na Palavra de Deus que com simplicidade, segurança e lógica apresenta a Criação Especial. Desta forma nunca seremos decepcionados. ■■

### Bibliografia

1. E. G. White. *Patriarcas e Profetas*, p. 37.
2. Schuchert e Dumbar, citados por F. L. Marsh. *Estudos sobre o Criacionismo*, p. 177.
3. John Skinner, *International Critical Commentary*, citado por F. L. Marsh. *Estudos sobre o Criacionismo*, p. 177.
4. Harold G. Coffin. *Creation Accident or Design?*, p. 17.
5. E. G. White, *op. cit.*, p. 31.
6. *Ibid.*, p. 37.
7. Gên. 1:1, 2.
8. F. L. Marsh. *Estudos sobre o Criacionismo*, p. 198.
9. H. G. Coffin. *op. cit.*, p. 21.
10. Gên. 1:6-8.
11. Isa. 45:18.
12. Gên. 1:9-12.
13. *Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, Vol. I, p. 212.
14. F. L. Marsh. *op. cit.*, p. 205.
15. H. G. Coffin. *op. cit.*, p. 32.
16. Gên. 1:14-16.
17. E. G. White. *op. cit.*, p. 34.
18. Gên. 1:1.
19. Gên. 1:16.
20. Gên. 1:20-22.
21. F. L. Marsh. *op. cit.*, p. 215.
22. H. G. Coffin. *op. cit.*, p. 31.
23. Gên. 1:24, 26, 27, 29.
24. E. G. White. *Spiritual Gifts*, Vol. III, p. 34.
25. E. G. White. *Testimonies*, Vol. III, p. 138.
26. H. G. Coffin. *op. cit.*, p. 41.
27. E. G. White. *Patriarcas e Profetas*, p. 37.
28. Mar. 2:27.
29. E. G. White. *op. cit.*, p. 31.

# notas breves

## **Nova Seita Oriental Conquista o Ocidente**

Nova seita invade o Ocidente alcançando surpreendentemente adesão da juventude dos países onde ela se instala. Vinda da Ásia, fixou-se por enquanto sobretudo nos Estados Unidos, Alemanha e França. É conhecida pelo nome de "moonismo". Seu fundador, Sun Mysung Moon, é um sul-coreano de 56 anos, que vive hoje nos Estados Unidos, onde a seita tem o maior número de adeptos. Os missionários "moonistas" agem de uma forma que se tem mostrado bastante eficaz: compram residências — freqüentemente suntuosas — e depois lançam-se às ruas em grupos formados por rapazes e moças, quase sempre estrangeiros. Aí conseguem novos adeptos, "pregando" como apóstolos de um mundo a ser conquistado através da sua religião. Nessas "pregações", via de regra individuais, falam dos males do mundo, da solidão em que vivem os homens, da frieza da atual sociedade, de suas injustiças e outras coisas mais. Então convidam o ouvinte para assistir a um curso de alguns dias numa das casas, da seita. Nelas, o neófito é bem recebido com sorrisos, reverências e gentilezas e passa a participar do curso de formação, em que alternam danças, meditações, cantos e sermões, os quais explicam que Moon, o novo Adão, reencontrou a Deus; mas o verdadeiro, dizem eles. — *CEI*, março de 1976

## **Protestantes Querem Saber Por que Estão Diminuindo**

Em 1970 cerca de 203 mil alemães abandonaram a prática religiosa nas igrejas reformadas da Alemanha. Desse ano em diante foram sempre altos os índices do abandono da religião e da participação na oração e cultos. O índice recorde se deu em 1974, quando 210 mil protestantes saíram da Igreja. Na Alemanha há um total de 28 milhões de protestantes, numa população de 66 milhões de

pessoas. Estes dados, embora representem um decréscimo de apenas 0,75% levaram a Igreja Evangélica Alemã a realizar pesquisas a fim de obter dados para uma análise das causas do abandono religioso. Antes mesmo de iniciar a pesquisa já estava claro que a transformação das condições de vida influenciou o relacionamento com a Igreja. Mas a enquete serviu para mostrar outras facetas do problema. O exame da Igreja Evangélica revela que o índice mais elevado de saídas se registra nas grandes cidades. — *CEI*, agosto de 1975

## **Faixa de Flagelados Que Pode Ser Esquecida**

Uma realidade que nem sempre está presente a todos, é a existência de imenso número de desalojados avulsos, que estão em casa de amigos ou parentes. Quando se sabe das precárias situações de moradia para muitas famílias pobres e miseráveis, pode-se imaginar o que representa ter os seus membros duplicados ou triplicados, em termos de lugar disponível e de alimentos e vestuário. Esta é uma faixa larguíssima de flagelados, não muito fácil de atingir e que também corre o risco de passar despercebida.

*Boletim Arquidiocesano*

## **Evangelização Precisa Ser Melhor Definida**

"Pode-se definir a evangelização em termos de anúncio de Cristo àqueles que O desconhecem, de pregação, de catequese, de Batismo e de outros Sacramentos que não de ser conferidos. Nenhuma definição parcial e fragmentária porém, chegará a dar a razão da realidade rica, complexa e dinâmica que é a evangelização, a não ser com o risco de empobrecer e até mesmo de mutilar". Esta declaração é de Paulo VI, numa exortação apostólica, e mostra o erro das definições apressadas que tomam "evangelização" como simples proclamação verbal.